

HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS E PROFESSORAS: APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

ELIZETE SANTOS ABREU

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) – Campus Coelho Neto
e-mail: zete.santos37@gmail.com

EDLA EGGERT

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
e-mail: egbert@terra.com.br

Resumo: O texto busca apresentar as discussões realizadas na pesquisa de mestrado intitulada Histórias de Vida de Mulheres Negras e Professoras nas cidades de Caxias e São Luís do Maranhão. Apresentamos os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, numa abordagem étnico/racial e de gênero a fim de contribuir para uma outra forma de pensar a formação e qualificação de docentes da educação.

Palavras-chave: história de vida; étnico/racial; gênero

LIFE HISTORIES OF BLACK WOMEN TEACHERS: LEARNINGS FROM FIELD RESEARCH

Abstract: The text presents some debates accomplished based on the field research carried out with black women teachers in two cities in Maranhão. We present the theoretical and methodological aspects of the research, in an ethnic/racial and gender approach in order to contribute to another way of thinking and valuing professionals from the field of education.

Keywords: life history; ethnic/racial; gender

1- Introdução

Compreendendo que os (as) professores (as) ensinam tanto pelo que sabem, quanto pelo que são, que buscou-se nas histórias de vida associadas às histórias profissionais das professoras negras das cidades de Caxias e São Luís do Maranhão, subsídios que poderão



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

nortear a prática pedagógica. Acredita-se que ao narrar suas histórias de vida as professoras proporcionarão um olhar mais elaborado sobre si, para o contexto educacional da cidade abrindo possibilidades de novas reflexões num caminho para si (Josso, 2004). Alarcão (*apud* Abrahão, 2006, p. 150) afirma que narrar sua história de vida a outrem significa revelar o sentido da sua vida. Falar de si para si e para os (as) outros (as) é vasculhar o que Jorge Larrosa (2002) chama de ruínas da nossa biblioteca, e Rubem Alves (2007), parafraseando Nietzsche, de livros escritos com sangue. Esse vasculhar permite a formação e autoformação do sujeito num movimento que provoca o que Maria Isabel da Cunha (1998) propõe como alternativa metodológica para a educação, tendo como referência o sujeito e a cultura.

Para Marie Christine Josso (2004, p. 9), em sua abordagem de pesquisa–formação, traz pistas e propõe desafios para reconfigurar as propostas de formação de profissionais de várias áreas. Ressignificar suas próprias experiências escolares pode ajudar quem ensina nessa mudança e “transformar a vida sócio-culturalmente programada numa obra inédita a construir” (JOSSE, 2004, p. 9). Nesse contexto, o que nos fez utilizar as histórias de vida das professoras negras foi buscar encontrar um equilíbrio entre os conhecimentos produzidos pelas universidades a respeito do ensino e os saberes desenvolvidos pelos (as) professores (as) em suas práticas cotidianas (TARDIF, 2002), o que (SANTOS, 1987, P.45) chama de transgressão metodológica.

2- A História de Vida e seus aportes teórico-metodológicos

A História oral como instrumento investigativo da pesquisa qualitativa tem despertado o interesse dos (as) pesquisadores (as) em educação. Em duas experiências recentes, uma realizada em 2007/8 com mestrandas e doutorando (as) na disciplina Prática de Pesquisa do Programa de Pós Graduação em Educação da Unisinos, com o objetivo de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

refletir no grupo os momentos que desencadearam a trajetória de formação como professor (as), orientadora e orientandos(as) se colocaram no desafio de contar suas histórias de vida sob o aporte teórico metodológico da pesquisa-formação de Marie-Christine Josso (2004).

A outra experiência foi ao retornar as atividades docentes no Centro de Estudos Superiores de Santa Inês-CESSIN/UEMA ao orientar três grupos de acadêmicos (as) no trabalho de conclusão de curso, que realizaram uma pesquisa com professoras do ensino fundamental para compreender os estereótipos discriminatórios veiculados no livro didático de Língua Portuguesa e uma outra pesquisa sobre as abordagens étnico/raciais e de gênero nas brincadeiras e brinquedos de crianças cursantes do 1º ano ensino fundamental. Pudemos perceber o quanto esse instrumento investigativo tem propiciado outro olhar para as pesquisas em educação, pois propicia uma escuta sensível e uma atenção consciente, rica de colocações que evocam no espaço/tempo vivido, imbuídos de sentimentos, emoções, valores etc. As narrativas reconstroem ações, colocando a experiência lembrada numa seqüência, buscando possíveis explicações para isso, pois não narramos apenas com palavras, mas com gestos também. Também não se trata de um interrogatório, mas um processo de interação que vai além do estímulo/resposta.

Com base em Marie-Christine Josso (2004), ressaltamos que a formação encarada do ponto de vista do aprendente torna-se um conceito gerador em torno do qual agrupam-se conceitos descritivos: processos, temporalidade, experiência, aprendizagem, conhecimento e saber-fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade, identidade. Em outras palavras procuramos ouvir o lugar desses processos e sua articulação na dinâmica dessas vidas.

Trata-se de um estudo realizado com cinco mulheres negras, professoras nascidas nas cidades de Caxias e São Luís do Maranhão. A pesquisa triangulou narrativa levando em consideração as seguintes características: mulheres negras, três advindas de bairros próximos ao centro da cidade de Caxias, uma advinda da zona rural e a outra nascida em



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

bairro próximo ao centro da capital maranhense. Brincaram com miniaturas domésticas, simbolizando o lugar da casa e da menina.

As hipóteses levantadas foram que as práticas educativas das famílias, no que concerne à educação, tanto dos meninos quanto das meninas, continuam sendo sexistas e racistas. O ideário do “poder do macho”, segundo Heleieth Saffioti (1986), ainda é predominante, e o silenciamento e reforço das práticas raciais são uma constante (GOMES, 2006). Ao ouvir/ler as narrativas dos três grupos pesquisados nomeamos as colaboradoras como as Graúnas que fizeram parte dessa pesquisa nos anos de 2007 e 2008 ou ainda as professoras que fizeram parte da pesquisa na graduação do Centro de Estudos Superiores de Santa Inês-CESSIN/UEMA no ano de 2009. Podemos, de certa forma, confirmar as hipóteses levantadas, pois todas as mulheres entrevistadas, sejam elas negras ou não negras, enfatizaram que a educação concedida às meninas perpassa pela condição de subserviência, no caso de amar incondicionalmente quem a subjuga (PISANO, *apud* EGGERT, 2006), ou ainda o que Marcela Lagarde (2005) chama, para as mulheres em geral, de “servidão voluntária” nos cativeiros de todas as mulheres.

As suspeitas podem dizer que se confirmam: as práticas educativas tanto nas famílias quanto nas sala de aula são atravessadas com a exclusão das mulheres dos espaços públicos (TABAK, 2002). Essa situação fica mais acentuada para as mulheres negras, pois segundo Sueli Carneiro (1985) é drástica a situação da mulher negra brasileira no que diz respeito à educação, saúde, emprego e renda.

Ao pesquisar as histórias de vida das mulheres negras e professoras, buscamos como princípio básico da pesquisa a seguinte questão: Como as experiências de cinco professoras negras narradas com base em suas vivências, nas brincadeiras, nos brinquedos, nas músicas e nas histórias podem propiciar um caminhar para si? Teriam as mulheres



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

negras em suas histórias de vida, advindas do lugar da casa, pressupostos teórico-metodológicos para subsidiar a prática pedagógica? Começamos a conversar e observamos alguns pontos evidenciados pelas mulheres, ou ainda, suas expressões, como emoções, angústias etc. Nos outros encontros, iniciamos as entrevistas. Foi observado que, no primeiro encontro, havia alguns momentos de inibição em relação a alguns aspectos narrados, ou ainda muita euforia, e outros de muita emoção. Apareceram ainda revelações de cunho bastante pessoal ou comunitário, que poucas pessoas sabiam, ou mesmo, fatos de pessoas muito próximas. Então discutimos que esses fatos não seriam gravados. Durante as entrevistas, passado algum tempo, duas se colocaram meio que cansadas, por já terem discutido algumas das situações em outros encontros e, com isso ficaram meio incomodadas com as memórias que vinham à tona.

Estes são os riscos de uma entrevista que envolve as histórias de vida das pessoas, uma vez que, ao lidar com a sua memória, às vezes, elas podem não querer colocá-las em evidência. De acordo com Ivan Izquierdo (2004), esquecemos para poder pensar; esquecemos para não ficarmos loucos; esquecemos para poder conviver e para poder sobreviver.

Com essa experiência, percebemos tudo o que se passava com as pessoas que falavam de si para si, para outra pessoa e, além disso, sabiam que suas palavras estavam sendo gravadas. Compreendemos que manifestações emocionais se apresentariam. Esse exercício de “contar-te a ti mesmo a tua história”, foi muito oportuno, pois foi possível olhar mais de perto as histórias pessoais e profissionais das colaboradoras, bem como propiciar uma reflexão do quanto cresceram quais os passos que deram na vida, o quanto recuaram e precisaram recuar em muitas das suas andanças.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir com professoras negras discussões à cerca da práxis pedagógica a luz das suas experiências pessoais e profissionais significou pensar a educação por outro viés. Num processo de ressignificação, segundo Josso (2004), que implicou em mudanças substanciais no olhar sobre os diversos processos educativos vividos por elas.

Mesmo que as narrativas das histórias de vida ocorreram em espaços distintos, um na capital, outro na zona rural e um terceiro nos bairros próximos ao centro de uma cidade pequena, os ensinamentos dos modelos de ‘mulher’ foram muito parecidos. Já as discussões das questões raciais tiveram algumas diferenças, pois muitas vezes ao narrarem suas vivências, mesmo ocorridas em tempos distantes, às mulheres negras professoras, por mais que hoje fizessem uma releitura mais positiva, mesmo assim expressaram fortes emoções, com base em experiências muito dolorosas trazendo à tona essas lembranças. As alterações de voz, as expressões de dor, de alegria, eram estampadas a cada lembrança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Elizete Santos. **Histórias de Vida de Mulheres Negras, Professoras nas Cidades de Caxias e São Luís do Maranhão**. Dissertação de mestrado. São Leopoldo - RS, 2009.
- GOMES, Nilma Lino *et al.* **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Traduzido por José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.
- LOS RIOS, Marcela Lagarde y de. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: UNAM, 2005.
- SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (org.). **Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora**. Garamond, 2003.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Recebido: 08/06/2010

Aceito: 30/06/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br